

Sérgio Alpendre, crítico e professor de cinema

Textos inéditos e republicados

Começando Gostoso

por Sérgio Alpendre em novembro 11, 2019



(...)

Falta falar sobre os filmes que vi em outros festivais ou dispositivos, mas fica para um post futuro. Por enquanto quero falar um pouco sobre *Sete Anos em Maio*, que confirma o amadurecimento de Affonso Uchoa, demonstrado em *Arábia* (codirigido por João Dumans, montador de *Sete Anos em Maio*). É bom ver que o filme de Uchoa, com seus 42 minutos plenamente justificáveis – é o tempo que o filme precisava ter, de acordo com seu diretor – anda circulando pelos festivais, geralmente avessos a essa duração intermediária (por culpa dos festivais, obviamente).

Na linhagem que surge com Murnau e Ford, passa por Straub-Huillet e desemboca em Pedro Costa, Uchoa se insere em algum ponto, sem que se atribua a ele a necessidade de estar em pé de igualdade com esses gigantes, o que seria injusto, e principalmente sem que a realidade brasileira, tão presente em seu cinema desde *A Vizinhaça do Tigre*, deixe de ser a condutora da narrativa, ou uma de suas principais condutoras. Não se trata de derivação, como costumamos ver quando não se atinge uma assinatura própria, mas de filiação, como a que existe em praticamente qualquer autor.

No caso, não se trata apenas de falar da corporação policial como instrumento de poder que pode ser corrompido com muita facilidade e virar fascismo, como tem acontecido bastante. A questão para Uchoa está nas relações de poder, na corrupção da alma que é a posse de um revólver ou qualquer outra arma de fogo, ou vestir uma farda, ou responder a uma hierarquia militar muito rígida. A busca pelo poder, por si só, gera monstros. E não importa se esse poder seja executivo, judiciário ou legislativo, se for de alcance nacional ou numa rua de um bairro. O poder do guardinha da esquina, do homem que se vale do “você sabe com quem está falando”, ou daqueles que se acham no direito de fazer ameaças, é a podridão maior de nossos tempos, a falência moral e humana de um país violento como o Brasil. Claro que essa busca pelo poder é um mal necessário, mesmo dentro de uma anarquia, penso eu, por contraditório que seja. Mas é necessário estarmos sempre críticos e ela, evitando tanto o fanatismo quanto a crucificação.

No mais, *Sete Anos em Maio* mostra que tem alguma debilidade mental muito grave quem costuma dizer que “bandido bom é bandido morto”. Porque é muito óbvio que não dá para saber quem é o bandido na maior parte das vezes. E melhor que essa dúvida se instale em um filme habilmente enquadrado, fotografado, decupado e montado. Mais importante ainda, que tudo esteja em comunhão, sem que um elemento chame a atenção. Falta falar de muita coisa, mas por enquanto destaco a divisão em três terços – o repulsivo, a confissão (maior e melhor parte), o teste-confronto – que fortalece a estrutura narrativa e mostra uma engrenagem fascista por meio de suas vítimas, mas mostra também a necessidade de lutar contra essa engrenagem (parece óbvio, mas estamos à beira de um apocalipse).

E vou indo, vai o texto sem revisar mesmo, porque aqui internet boa tem sido mais rara que saci-pererê.

Publicado em: textos inéditos

E vou indo, vai o texto sem revisar mesmo, porque aqui internet boa tem sido mais rara que saçuprerê.

Publicado em: textos inéditos

Blog no WordPress.com.